

Meu caminho pelas artes visuais Será arte?

*My path through the visual arts
Is it art?*

Bia Abramides* 

À Regina Marconi e Miguel Chaia...

Primeira vez que escrevo sobre isto. Quando nós da equipe de trabalho social da habitação no INOCOOP/São Paulo, fomos demitidas(os) em 1979, muita luta se fez. Muito felizes ficamos quando cooperativados e moradores de várias cidades vieram em caravana ao Banco Nacional da Habitação (BNH), exigir nossa readmissão imediata, bem como quando a diretoria do Sindicato dos Assistentes Sociais do Estado de São Paulo (APASSP) e do Conselho Regional de Serviço Social (Cress) estiveram conosco na luta. A diretoria da instituição tentou nos dividir não demitindo um(a) profissional de cada área, mas nossa posição foi coletiva, ou voltamos todos ou ninguém fica. Naquele período e durante muitos meses nenhuma(um) assistente social aceitou ocupar a vaga das demitidas(os).

E o fomos por ceifarem nosso trabalho comprometido com os direitos da população demandatária dos serviços, que se organizara e construíra a primeira associação livre de mutuários, os moradores checaram o caráter financista, mercantil da política habitacional, construíram associações nos conjuntos habitacionais, estruturaram-se por representação de ruas, uma verdadeira experiência de organização popular coletiva e avanço de consciência.

E em meio à luta, quando exausta estava, parava, pegava papel A4, cercava-me de lápis de cor e as cores, cada uma delas me dava esperança... Nunca aprendi técnica, sempre desenhei como forma de suspensão, poder levar um pouco da dureza da vida... e continuar, continuar na luta por uma sociabilidade em que possamos escolher para além da exaustão diária no trabalho explorado, da sociabilidade opressora do capital que nos suga infinitamente... “A gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte”, na letra de Arnaldo

MOSTRA FOTOGRÁFICA

<https://doi.org/10.12957/rep.2025.89056>

*Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP - Brasil.
E-mail: biabramides@gmail.com.

COMO CITAR: ABRAMIDES, B. Meu caminho pelas artes visuais - Será arte? Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea, Rio de Janeiro, v. 23, n. 58, pp. 239-254, jan./abr., 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/rep.2025.89056>.

Recebido em 23 de outubro de 2024.

Aprovado para publicação em 30 de outubro de 2024.

Responsável pela aprovação final: Monica de Jesus César.



© 2025 A Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Antunes, Marcelo Fromer e Sérgio Brito, e como nos ensina Marx, lutar por uma sociedade de indivíduos sociais livres onde “a cada um conforme suas necessidade e de cada um conforme suas possibilidades”. Essas consignas estão presentes em minha vida desde a adolescência e sigo convicta com elas... O primeiro desenho, um jardim, assemelhava-se a um desenho feito quando criança, olhava para ele e voltava a alegria com a criança interior que cada uma de nós carrega...

45 anos se passaram e continuo desenhando, às vezes mais, às vezes menos. De uns oito anos para cá resolvi socializar os desenhos pelo *Facebook* e aí minha querida amiga, Regina Marconi, parceira de longa data, nas lutas político-sindicais, acadêmicas e profissionais de assistentes sociais, desde os anos 70, e há muitos anos uma artista visual da maior qualidade, ao ver meus desenhos, que eram muitos, não só ocasionais, me convidou para uma exposição conjunta no Rio, não aceitei. Não aceitei, e por que não?

Por inibição, por insegurança, por timidez...?

Um outro querido amigo, amante das artes, Miguel Chaia, me incentivara e muito, durante essa última década, sempre valorizando meu trabalho; brincava com ele e dizia, “Miguel você me diz isso por ser meu amigo”.

Em junho deste ano, a maga Regina Marconi, uma vez mais me convidou e aí resolvi encarar, como diz nosso poeta maior Guimarães Rosa, “o que a vida quer de nós é coragem.” Daí a quatro mãos, Regina e eu fomos construindo um texto para a exposição que se realizou na ex-Fábrica Behring, no ateliê do coletivo Pluralistas e um pouco da nossa conversa: “Há quase meio século, ainda nos anos de chumbo, se encontraram e com outras tantas que já vinham na estrada e mais outras que vieram depois participaram de movimentos de rupturas que referenciaram sob novos valores a vida, o trabalho, os amores... Hoje, talvez mais do que em qualquer outro momento o estancar, ficar, olhar, pensar um pouco, se emocionar, foi tão necessário” (Regina e Bia - Rio de Janeiro, 20 de agosto de 2024).

De abril para cá fui escolhendo 13 trabalhos para expor, fui fazer as cópias para tê-las, fui emoldurar, depois a montagem da exposição... e entrei em um universo totalmente novo e pleno de aprendizado, uma linda descoberta, que alegria! Em setembro foi a minha vez de convidar Regina para uma exposição conjunta, a mesma que fizemos no Rio *Entre riscos e Cores*, agora em São Paulo, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC, durante um Seminário Internacional da Rede de Pesquisa Serviço Social na História, para compartilhar com as queridas companheiras de profissão, os nossos outros lados para além da docência, da teoria, da pesquisa acadêmica, da militância... agora pelas artes visuais, o plano da criação, da liberdade...

Os desenhos coloridos, realizados em papel A4, em sua maioria, e sempre com lápis de cor, espelham significados que cada um(a) pode dizer ao sentir. Vivências, descobertas,

encontros faceiros e amorosos, brincadeiras, irreverências, natureza, formas geométricas, ancestralidade, suspensão, esperanças... Avante sempre com alegria, combatividade e criação!

Miguel Chaia em texto sobre a nossa exposição, em “Sampa”, me auxilia a refletir:

Na linha da potência de vida, os trabalhos de Abramides são uma explosão de cores e formas que aspiram ao volume e ao tridimensional, que querem se expandir e não aceitam limites. Abramides se volta tanto ao seu próprio corpo quanto à natureza – por isso suas formas são orgânicas. Os riscos do lápis traduzem a ideia de velocidade e de urgência. Seus desenhos desejam o futuro e, em algum dele, insinuam a presença humana que geralmente estão em convivência fraterna...

Creio que esta situação de carregar a cidadã ativista, a combatente social, junto à artista livre para criar, demanda maior esforço de existência/persistência... Os tênues e variáveis vínculos entre arte e política remetem às inesperadas correspondências entre posição política/existencial do artista e o conteúdo político da obra (Chaia, 2024).

Tenho vontade de seguir adiante, sempre, com minha convicção política revolucionária e com meu desejo de voar, sentir, amar, criar, levitar, sonhar com realizações que me fazem pensar e viver a liberdade experimental da arte. A arte sempre me acompanhou na mediação do trabalho profissional e ainda hoje nos encontros do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Aprofundamentos Marxistas - NEAM, sempre iniciamos com arte, trazida pelas(os) discentes na relação com o conteúdo tratado.

Avante camaradas!

Beijos da Bia Abramides

Será arte?

























